

HOMENS

A casa dos homens está nessa idade em que certas casas começam a ficar mal-assombradas: em algum canto se adensa, ainda, porém, em demasia fluido, o ectoplasma de um primeiro fantasma, que é também um homem grosso e triste.

Talvez seja no porão; é impossível vê-lo; apenas em certo ponto há uma impressão de que o ar está um pouco mais pesado em nossa face. Os homens da casa não se importam com isso: eles se observam; levantam-se em seus quartos, juntam-se na grande sala, olham o velho relógio da parede e secretamente se censuram, pela presença mútua.

Há muito, por uma combinação tática, nenhum deles traz mulher para casa no meio da noite. Antigamente, é verdade, vinham mulheres, às vezes duas ou três e na sala bebiam vinho e riam; há lembrança de uma noite em que todos cantaram. Mas o tempo foi passando; a amizade dos homens cimentou-se em uma espécie de tédio amargo; querem evitar questões; mulheres criam questões.

Hoje seria ridículo pensar em trazer mulheres; a casa foi se carregando de cinzento, os móveis ficaram mais pesados, as sombras mais severas pela contínua presença dos homens; se alguém colocasse em algum lugar um vaso de flores ou a gaiola de um canário, a censura muda dos móveis e das coisas, o olhar grave das paredes, a soturna irritação dos homens os transformariam lentamente em pequenos montes de cinza. Na verdade aqui dentro se criou uma acomodação e um conforto grave, onde os homens não têm necessidade de sentir outra coisa a não ser que são homens e moram em uma casa de homens, entre coisas de homens.

O telefone era antigamente um elemento de perturbação; como não podiam dispensá-lo, os homens o encerraram em uma cabine; assim cada um pode conversar à vontade com quem quiser, mesmo dizer facécias, sem que os outros tenham a obrigação odiosa de ouvir.

Sempre é possível admitir que no trato com pessoas estranhas — mulheres ou crianças por exemplo — algum dos homens ainda use um tom ligeiro ou emotivo, que seria impróprio na severidade do convívio másculo. Na verdade, porém, a longa disciplina desse convívio aos poucos vai pesando no interior cada homem.

Como estão envelhecendo, eles já saem menos de casa. E' de crer que cada um juntará com seu trabalho um pequeno pecúlio que o dispense completamente de sair. Assim os homens ficarão para sempre dentro da casa, com as cortinas descidas e nem sequer mais se falarão; cada vez mais juntos e mais isolados pessoalmente, eles estarão preparados para morrer sem nenhuma lamentação; cada um será enterrado no quintal, e todos terão os olhos sécos. Quando o último succumbir sozinho, sem um gemido, o fantasma já deverá estar bastante denso para poder enterrá-lo. E como os fantasmas duram séculos, esse fantasma de homem ficará na casa em ruínas, severo e só, até que o último tijolo seja pó e a última pedra da casa se desfaça em pálida areia.

Manchete 177 - 10.9.55

"A casa dos homens"

"A Cidade e a Noite"

C M 18.2.54